

**IV CONGRESSO NACIONAL DA
FEPODI**

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

LIVIA GAIGHER BOSIO CAMPELLO

MARIANA RIBEIRO SANTIAGO

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – FEPODI

Presidente - Yuri Nathan da Costa Lannes (UNINOVE)

1º vice-presidente: Eudes Vitor Bezerra (PUC-SP)

2º vice-presidente: Marcelo de Mello Vieira (PUC-MG)

Secretário Executivo: Leonardo Raphael de Matos (UNINOVE)

Tesoureiro: Sérgio Braga (PUCSP)

Diretora de Comunicação: Vivian Gregori (USP)

1º Diretora de Políticas Institucionais: Cyntia Farias (PUC-SP)

Diretor de Relações Internacionais: Valter Moura do Carmo (UFSC)

Diretor de Instituições Particulares: Pedro Gomes Andrade (Dom Helder Câmara)

Diretor de Instituições Públicas: Nevitton Souza (UFES)

Diretor de Eventos Acadêmicos: Abimael Ortiz Barros (UNICURITIBA)

Diretora de Pós-Graduação Lato Sensu: Thais Estevão Saconato (UNIVEM)

Vice-Presidente Regional Sul: Glauce Cazassa de Arruda (UNICURITIBA)

Vice-Presidente Regional Sudeste: Jackson Passos (PUCSP)

Vice-Presidente Regional Norte: Almério Augusto Cabral dos Anjos de Castro e Costa (UEA)

Vice-Presidente Regional Nordeste: Osvaldo Resende Neto (UFS)

COLABORADORES:

Ana Claudia Rui Cardia

Ana Cristina Lemos Roque

Daniele de Andrade Rodrigues

Stephanie Detmer di Martin Vienna

Tiago Antunes Rezende

ET84

Ética, ciência e cultura jurídica: IV Congresso Nacional da FEPODI: [Recurso eletrônico on-line] organização FEPODI/ CONPEDI/ANPG/PUC-SP/UNINOVE;

coordenadores: Livia Gaigher Bosio Campello, Mariana Ribeiro Santiago – São Paulo: FEPODI, 2015.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-143-2

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Ética, ciência e cultura jurídica

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Congressos. 2. Ética. 3. Ciência. 4. Cultura jurídica. I. Congresso Nacional da FEPODI. (4. : 2015 : São Paulo, SP).

CDU: 34



www.fepodi.org

IV CONGRESSO NACIONAL DA FEPODI

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Apresentação

Apresentamos à toda a comunidade acadêmica, com grande satisfação, os anais do IV Congresso Nacional da Federação de Pós-Graduandos em Direito – FEPODI, sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC/SP, entre os dias 01 e 02 de outubro de 2015, com o tema “Ética, Ciência e Cultura Jurídica”.

Na quarta edição destes anais, como resultado de um trabalho desenvolvido por toda a equipe FEPODI em torno desta quarta edição do Congresso, se tem aproximadamente 300 trabalhos aprovados e apresentados no evento, divididos em 17 Grupos de Trabalhos, nas mais variadas áreas do direito, reunindo alunos das cinco regiões do Brasil e de diversas universidades.

A participação desses alunos mostra à comunidade acadêmica que é preciso criar mais espaços para o diálogo, para a reflexão e para a troca e propagação de experiências, reafirmando o papel de responsabilidade científica e acadêmica que a FEPODI tem com o direito e com o Brasil.

O Formato para a apresentação dos trabalhos (resumos expandidos) auxilia sobremaneira este desenvolvimento acadêmico, ao passo que se apresenta ideias iniciais sobre uma determinada temática, permite com considerável flexibilidade a absorção de sugestões e nortes, tornando proveitoso aqueles momentos utilizados nos Grupos de Trabalho.

Esses anais trazem uma parcela do que representa este grande evento científico, como se fosse um retrato de um momento histórico, com a capacidade de transmitir uma parcela de conhecimento, com objetivo de propiciar a consulta e auxiliar no desenvolvimento de novos trabalhos.

Assim, é com esse grande propósito, que nos orgulhamos de trazer ao público estes anais que, há alguns anos, têm contribuindo para a pesquisa no direito, nas suas várias especialidades, trazendo ao público cada vez melhores e mais qualificados debates, corroborando o nosso apostolado com a defesa da pós-graduação no Brasil. Desejamos a você uma proveitosa leitura!

São Paulo, outubro de 2015.

Yuri Nathan da Costa Lannes

**O ECOFEMINISMO E O PENSAMENTO DO FOUCAULT.
EL ECOFEMINISMO Y EL PENSAMIENTO DE FOUCAULT.**

Carla Judith Cetina Castro

Resumo

O presente artigo tem por objetivo mostrar uma visão geral sobre o ecofeminismo, uma corrente filosófica feminista, que não tem sido muito desenvolvida na teoria, o qual não há impedido sua adoção como forma de luta na degradação ambiental, por parte das ecofeministas no redor do mundo. A dominação patriarcal, forma o eixo principal dentro o pensamento feminista, pelo que pretende-se realizar uma análise sobre a conceptualização que realiza Foucault sobre seus conceitos de poder e relações de poder, e como ecofeminismo postula a dominação patriarcal, provocando relações desiguais entre homem-mulher e homem-natureza. A través do método analítico e revisão da literatura tentara-se encontrar similitudes e diferencias, que estas duas correntes filosóficas dão-lhe ao conceito de poder e relações de poder.

Palavras-chave: Ecofeminismo, Relações de poder, Poder, Foucault

Abstract/Resumen/Résumé

El presente artículo tiene por objetivo mostrar una visión general sobre el ecofeminismo, una corriente filosófica feminista, que no ha tenido mucho desarrollo en la teoría, lo cual no ha impedido su adopción como lucha a la degradación ambiental, por parte de las ecofeministas alrededor del mundo. La dominación patriarcal, forma el eje principal dentro del pensamiento feminista, por lo que se pretende realizar un análisis sobre la conceptualización que realiza Foucault sobre sus conceptos de poder y relaciones de poder, y como el ecofeminismo postula la dominación patriarcal, provocando relaciones desiguales entre hombre-mujer y hombre-naturaleza. A través del método analítico, y revisión de literatura, se intentara encontrar similitudes y diferencias, que estas dos corrientes filosóficas le dan al concepto relaciones de poder y poder.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Ecofeminismo, Relaciones de poder, Poder, Foucault

Introdução.

O Foucault foi um dos filósofos mais reconhecidos do século XX, seus trabalhos abrangem desde filosofia, psicologia, sociologia, até política e história; seus pressupostos acerca do poder tem servido para explicar diversos fenômenos em distintas áreas do conhecimento.

Segundo a literatura tradicional o poder e relações de poder têm sido vistas desde uma forma piramidal, é dizer hierarquizada, concentrado em um setor, em instituições as quais tinham o monopólio do “poder” e manipulavam aos demais sujeitos da sociedade, guiados pelos seus interesses. Foucault rompe com esta tradição, e estuda o conceito do poder desde posições completamente diferentes, com o objetivo de interpretar a realidade para que esta seja mudada.

O ecofeminismo, como corrente filosófica, política e social, também desenvolve conceitos de poder e relações de poder, o qual será denominado com outra terminologia como por exemplo “dominação”, a qual será efetuada no sistema patriarcal, desde as relações homem-mulher, homem-natureza. Por ser um feminismo relativamente novo, tem sofrido muitas críticas no desenvolvimento de seus pressupostos, já que este se afasta do feminismo clássico liberal.

A relação entre o pensamento do Foucault e o feminismo é inegável, além das críticas que existem pelas feministas devido ao esquecimento que faz o Foucault, sobre a história da dominação dos homens sobre as mulheres, existem conceitos pelos quais o feminismo pode enriquecer suas teorias.

Pelo que no presente artigo, num primeiro momento, falara-se do ecofeminismo como disciplina do conhecimento, sua origem, as dificuldades que tem que enfrentar dentro da corrente feminista, conceptualizações do gênero, patriarcado, e dominação. Para posteriormente chegar às ideias de Foucault, e como estas podem ser utilizadas na teoria ecofeminista.

1. O ecofeminismo.

O feminismo, como qualquer corrente do pensamento, esta baseada e fundamentada nos aspectos do entorno das pessoas que o postulam; nos inícios do movimento feminista, que é denominado comumente primeira onda, busca-se equiparar a posição da mulher em relação do homem dentro da sociedade.

A luta feminista dentro de esta primeira etapa esta direcionada para conseguir que sejam reconhecidos os direitos básicos das mulheres, como o sufrágio, educação e igualdade ante a lei.

Já na segunda onda feminista, os objetivos são diferentes, começa-se a debater sobre a desigualdade real, aquela que existe além das leis, e sobre os direitos reprodutivos das mulheres. E por ultimo na terceira onda, dá-se uma mudança no modelo da mulher; se entende que existem muitos tipos de mulheres, determinadas pela classe social, nacionalidade, etnia, orientação sexual e religião. É por isto que falar de um feminismo representa um equívoco, já que existem diversos tipos de feminismos, os quais guardam similitudes básicas entre eles; temos o feminismo socialista, feminismo liberal, feminismo marxista, feminismo radical, anarcofeminismo, feminismo da diferença, e ecofeminismo, que a sua vez têm outras subdivisões.

Nos anos 70, o mundo passava por mudanças significativas. As armas nucleares, a degradação ambiental, as mudanças do clima, erosão do solo, todo isto começa a ter protagonismo nas conversas sociais.

Os líderes sociais e políticos começam a mudar seus discursos, voltados pela preservação ambiental. O feminismo não pode ficar a trás, e em 1974, Françoise d'Eaubonne, utiliza pela primeira vez o termo ecofeminismo. Entretanto dentro do movimento feminista, esta nova corrente não tem um lugar primordial, nem na teoria, nem na pratica, a teoria “clássica” enfoca-se nas relações de poder homem/mulher, neste sentido Holland (1996, pag. 38), afirma:

Si la relación entre los sexos supone lo inconsciente de la teoría materialista, la relación hacia la naturaleza sigue siendo lo inconsciente dentro de la teoría feminista. La tendencia a la uniformidad, que para la teoría se inició aproximadamente a mediados de la década de 1970 y para la práctica a comienzos de la década siguiente, ha marginado (en lo que se refiere al ámbito germano parlante) de forma radical enfoques prometedores tanto de practica ecológica como de teorías con referentes hacia la naturaleza.¹

Nesta passagem podemos observar então, como o ecofeminismo forma parte de uma classe “rejeitada”, já que para o feminismo clássico os problemas ambientais não representam um aspecto primordial de ser abordado; este se enfoca mais em questões da igualdade da mulher em uma posição social privilegiada, é dizer, sem observar aspectos de classe social,

¹ A tendência para a uniformidade, que para a teoria começou em meados de 1970 e que para a prática iniciou na próxima década, tem marginalizado (no que respeita à esfera alemão falantes) de forma radical abordagens promissoras tanto de práticas ecológicas como de teorias com referência à natureza. (tradução da autora)

diferencias racial, ou orientação sexual, o qual dá lugar à ramificação dos diferentes tipos de feminismo.

É assim que vemos o difícil recorrido do ecofeminismo para construir um pensamento dentre do feminismo; porém é um equívoco generalizar e tentar abranger todo o pensamento ecofeminista apenas numa classe. De modo que num primeiro momento surge o ecofeminismo essencialista, o chamado comumente “ecofeminismo clássico”, o qual apelava por uma relação mais direta da mulher com o meio ambiente, por questões biológicas como a maternidade, o qual o levou a ser rejeitado pelas feministas liberais, isto como o expõe Puleo (2013, pag. 31):

Es un feminismo de la diferencia que afirma que hombres y mujeres expresan esencias opuestas: las mujeres se caracterizarían por un erotismo no agresivo e igualitarista y por aptitudes maternales que las predispondrían al pacifismo y a la preservación de la Naturaleza. En cambio, los varones se verían naturalmente abocados a empresas competitivas y destructivas. Este biologicismo suscitó fuertes críticas dentro del feminismo, acusándosele de demonizar al varón.²

Mas as duras críticas do feminismo, baseavam-se nessa relação mulher-natureza, que retrotraíam os avanços das feministas na posição das mulheres dentro da sociedade, que não teria mais porque estar ligada com a maternidade ou o cuidado do lar. Isto permitiu que as ecofeministas repensassem seus preceitos; isto segundo Puleo (2013, pag. 32), deveu-se a:

Bien por su carácter místico-popular, bien por su propuesta de separatismo lésbico o por la ingenuidad epistemológica de su esencialismo, el primer ecofeminismo fue un blanco fácil de las críticas de los sectores feministas mayoritarios carentes de sensibilidad ecológica. Actualmente, todavía, se suele asociar el nombre de ecofeminismo únicamente a estas primeras formas del movimiento y de la teoría y se conoce poco las tendencias constructivistas más recientes.³

Posteriormente o ecofeminismo sofreu mudanças da mão da Valdana Shiva, quem afirma que o inimigo não é o homem, e sim o capitalismo patriarcal do colonizador. Desenvolve uma forte crítica dos países desenvolvidos, os quais exercem uma relação de dominação sobre os países pobres, dos quais somente se levam os seus recursos naturais; desenvolve um conceito mais cosmológico sobre a relação entre mulher-natureza, o qual ganhou-lhe críticas por considera-la ainda essencialista. Uma das mais importantes críticas, as realizou Bina Agarwal, sobre a qual Puleo (2013, pag.34) afirma:

² É um feminismo da diferença que afirma que homens e mulheres expressam essências opostas: as mulheres seriam caracterizadas por um erotismo não agressivo e igualitário, e por aptitudes maternas que as predispoem ao pacifismo e à preservação da natureza. Em vez disso, os homens naturalmente dirigidos a empresas competitivas e destrutivas. Este biologicismo despertou fortes críticas dentro do feminismo e foi acusado de demonizar o homem. (tradução da autora)

³ Bem pela sua mística-popular, bem pela sua proposta separatismo lésbica ou ingenuidade epistemológica de seu essencialismo, o primeiro ecofeminismo era um alvo fácil para críticas dos setores feministas maioritários que não tinham sensibilidade ecológica. Atualmente ainda, é frequentemente associada com o nome de ecofeminismo apenas essas formas primitivas de movimento e da teoria e pouco se sabe das últimas tendências construtivistas. (tradução da autora)

Para Agarwal, el lazo que ciertas mujeres sienten con la Naturaleza tiene su origen en sus responsabilidades de género en la economía familiar. Piensan holísticamente y en términos de interacción y prioridad comunitaria por la realidad material en la que se hallan. No son las características afectivas o cognitivas propias de su sexo sino su interacción con el medio ambiente (cuidado del huerto, recogida de leña) lo que favorece su conciencia ecológica. Observa Agarwal que la interacción con el medio ambiente y la correspondiente sensibilidad o falta de sensibilidad ecologista generada por ésta dependen de la división sexual del trabajo y de la distribución del poder y de la propiedad según las divisiones de clase, género, raza y casta.⁴

También na América Latina, desenvolve-se o movimento ecofeminista, representado pelo coletivo de mulheres denominado “Con-Spirando” o qual tem por objetivo reunir mulheres da toda América Latina, para desenvolver um debate em âmbitos da espiritualidade, ética, teologia feminista, abordando temas da política, universo, memoria, corpo, cultura e a vida cotidiana. Em palavras de Puleo (2013, pag. 35), este ecofeminismo consiste em:

Este ecofeminismo latinoamericano se caracteriza por su interés en las mujeres pobres, su defensa de los indígenas, víctimas de la destrucción de la Naturaleza, y su crítica a la discriminación de la mujer en las estructuras de autoridad religiosa. Llama a abandonar la imagen patriarcal de Dios como dominador, el dualismo de la antropología cristiana tradicional (cuerpo/espíritu) y la misoginia que ha llevado a demonizar el cuerpo femenino.⁵

Pode-se ressaltar, que além que estes ecofeminismos se contrapõem em alguns momentos, predomina o conceito da dualidade da opressão que surge nas relações entre mulher/homem, homem/natureza, e o papel primordial que tem a mulher na proteção ambiental. Estes ecofeminismos procuram promover que o feminismo e a teoria ecológica, tenham objetivos comuns, para a eliminação da subordinação e opressão destas relações. As mulheres têm-se como as principais vítimas das mudanças ambientais, que trouxe o modelo econômico na atualidade, o qual permite-lhes ter uma consciência diferente e ser protagonistas na defesa da natureza. Neste sentido Herrero (2013, pag. 83), coloca:

Todos los ecofeminismos comparten la visión de que la subordinación de las mujeres a los hombres y la explotación de la Naturaleza son dos fenómenos que responden a una lógica común: la lógica de la dominación y del desprecio a la vida. El capitalismo patriarcal ha manejado todo tipo de estrategias para someter a ambas y relegarlas al terreno de lo invisible. Por ello las diferentes corrientes ecofeministas realizan una crítica profunda de los modos en que las personas nos relacionamos

⁴ Para Agarwal, o vínculo que algumas mulheres sentem com a natureza tem sua origem nas suas responsabilidades de gênero na economia familiar. Pensam holísticamente e em termos de interação e prioridade comunitária pela realidade material na que encontram-se. Não são as características afetivas ou cognitivas próprias do seu sexo, mas sua interação com o meio ambiente (cuidado do horto, colheita da lenha) o que favorece sua consciência ecológica. Observa Agarwal que a interação com o meio ambiente e a correspondente sensibilidade ou falta de sensibilidade ecologista gerada por esta dependem da divisão sexual do trabalho, e da distribuição do poder e da propriedade segundo as divisões da classe, gênero, raça e casta. (tradução da autora)

⁵ Este ecofeminismo da América Latina, caracteriza-se pelo seu interesse nas mulheres pobre, sua defesa dos indígenas, vítimas da destruição da natureza, e sua crítica à discriminação da mulher nas estruturas da autoridade religiosa. Chama para abandonar a imagem patriarcal de Deus como dominador, o dualismo da antropologia cristã tradicional (corpo/espírito) a misoginia que há levado a demonizar o corpo feminino. (tradução da autora)

entre nosotras y con la Naturaleza, sustituyendo las fórmulas de opresión, imposición y apropiación por fórmulas de cooperación y ayuda mutua.⁶

Para falar das relações de poder, é preciso acudir à teoria da dominação que postula o feminismo. É importante aclarar que esta teoria é utilizada por a maioria das correntes feministas, já que esta serviu de base para seu posterior desenvolvimento. Termos como patriarcado, gênero, supressão e opressão, são comuns na construção das teorias feministas, tendo como variantes os elementos que permitem a dominação masculina e, por conseguinte as propostas e soluções para mudar a realidade.

O termo patriarcado, no sentido que outorga-lhe o feminismo, é utilizado e definido pela primeira vez na dissertação doutoral de Kate Millet, intitulado “Sexual Politics”, como um sistema de dominação das mulheres no âmbito social, político e econômico, que tem como consequências todo tipo de desigualdades da raça humana, como bem estabelece Millet (1970, pag. 92):

Assim, todos os mecanismos da desigualdade humana nascem da supremacia do homem e da subjugação da mulher, tendo a política sexual servido ao longo da história como fundamento de todas as outras estruturas sociais, políticas e econômicas. O casamento sindiásmico introduzia a noção de troca, compra e venda de mulheres, que forneceu um precedente instrutivo para todas as categorias de escravatura que através dela prosperaram. Sob o regime do patriarcado, o conceito de propriedade passou do sentido primitivo, a posse da mulher reduzida à condição de objeto, à posse de bens, terras e capitais privados. Na submissão da mulher ao homem, Engels (bem como Marx) viu o protótipo histórico e conceptual de todos os sistemas políticos subsequentes, de todas as odiosas relações econômicas e da própria opressão.

Em quanto ao gênero encontramos na obra de Joan Scott (1989, pag. 21), como esta dominação se baseia nas diferenças construídas desde relações sociais, entre homem e mulher, e como estas estão supeditadas nas representações de poder. Ela desenvolve a definição que estará composta por duas proposições:

O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Nestas definições encontramos então, como a história das mulheres há estado supeditada pelas relações de dominação no âmbito familiar, político, no trabalho e afetivo,

⁶ Todos os ecofeminismos compartilham a visão de que a subordinação das mulheres aos homens e a exploração da Natureza são dois fenômenos que respondem a uma lógica comum: a lógica da dominação e o desprezo da vida. O capitalismo patriarcal tem manejado todo tipo de estratégias para someter a ambas e relega-las ao terreno do invisível. Por isso as diferentes correntes ecofeministas realizam uma crítica profunda aos modos em que as pessoas relacionamo-nos entre nós com a Natureza, substituindo as formulas de opressão, imposição e apropriação por formulas de cooperação e ajuda mutua. (tradução da autora)

que permite uma desigualdade criada e reproduzida através da cultura, e não uma desigualdade biológica como era ressaltada pelos filósofos da antiguidade como Aristóteles. Pelo que o gênero será uma construção social, como afirmava Beauvoir (1967, pag. 8), no seu livro “O segundo Sexo” com a frase celebre “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

2. Poder e relações de poder para Foucault:

Para começar a abranger o pensamento do Foucault, relativo às relações de poder, é preciso apresentar alguns elementos que utilizava para desenvolver seu pensamento. Termos como poder, sujeito e luta, encontram-se ligadas, e as conceitualiza de uma forma diferente em relação à filosofia tradicional. Num primeiro momento temos o conceito “sujeito”, o qual se entende em dois sentidos como afirma Castro (2004, pag. 409). “por un lado, sometido, “sujeto” por el control y la dependencia de otro; por otro lado, ligado, “sujeto” a la propia identidad por las prácticas y el conocimiento de sí.”. Pelo que Foucault tentara explicar o sujeito através dos conceitos de poder e relações de poder.

Para Foucault, o conceito de poder, não é um atributo ao sujeito, é entendido, segundo Castro (2004, pag, 409), desde “luchas que se oponen a todo lo que liga al individuo consigo mismo y asegura así la sumisión a los otros” e isto se exerce e representa pelas relações de poder. Assim mesmo também não dá-lhe um sentido de opressão negativo como no ecofeminismo. O poder para Foucault (1999, pag. 112), é um elemento que se encontra em todas as relações sociais.

Por todas partes en donde existe poder, el poder se ejerce. Hablando con propiedad, nadie es el titular del poder; y, sin embargo, el poder se ejerce siempre en una determinada dirección, con los unos de una parte y los otros de otra; no se sabe quién lo detenta exactamente; pero se sabe quién no lo tiene.⁷

A teoria de Foucault das relações de poder diferencia-se drasticamente do ecofeminismo, já que para o filosofo, existem relações de poder em todos os âmbitos da vida, não importando o gênero. Para ele o poder existe em todas as esferas da conduta humana.

Para Foucault o poder, não só manifesta repressão, é dizer, as relações de poder terão por objetivo (não sua razão de ser, mas um dos seus objetivos) reprimir algum outro sujeito, mas o poder não só existe para reprimir. Isto representa uma diferencia importante com a teoria ecofeminista, já que para esta ultima, a dominação patriarcal é exclusivamente repressiva, não existe a divisão que Foucault (1999, pag. 48) fez, da concepção jurídica do poder:

⁷ Por todas partes onde existe poder, o poder exerce-se. Falando com propriedade, ninguém é titular do poder; e além de isso, o poder exerce-se sempre em uma determinada direção, com alguns de uma parte e os outros de outra; não sabe-se quem o tem exatamente; mas sabe-se que não o tem. (tradução da autora)

Quando se definem los efectos del poder recurriendo al concepto de represión se incurre en una concepción puramente jurídica del poder, se identifica al poder con una ley que dice no; se privilegia sobre todo la fuerza de la prohibición. Me parece que ésta es una concepción negativa, estrecha, esquelética del poder que era curiosamente algo aceptado por muchos. Si el poder fuese únicamente represivo, si no hiciera nunca otra cosa más que decir no, ¿cree realmente que se le obedecería? Lo que hace que el poder se aferre, que sea aceptado, es simplemente que no pesa solamente como una fuerza que dice no, sino que de hecho circula, produce cosas, induce al placer, forma saber, produce discursos; es preciso considerarlo más como una red productiva que atraviesa todo el cuerpo social que como una instancia negativa que tiene como función reprimir.⁸

Um elemento importante que permite uma aproximação entre as ecofeministas e Foucault, relaciona-se com a ideia de que o poder não é ostentado somente pelo Estado, como era comumente pensado, o qual permite que as mudanças na sociedade possam-se originar desde o cotidiano, desde pequenas ações, o qual está evidenciado no trabalho de milhões de ecofeministas no redor do mundo, que desenvolvem propostas para que as mulheres se desenvolvam de forma ativa na sociedade, promovendo a proteção do meio ambiente, a luta contra cultivos transgênicos que são um risco para seus cultivos orgânicos e a preservação da biodiversidade, ou a proteção da água; como por exemplo, o movimento Chipco, um grupo ecológico conformado por mulheres da Índia, que em uma protesta, abraçam-se aos arvores para que estes não fossem derribados, com o qual impediram que as empresas transnacionais afetassem seu ecossistema. Neste sentido Foucault (1999, pag. 84) resalta:

Pero creo que el poder político se ejerce también por mediación de un determinado número de instituciones que aparentemente no tienen nada en común con él, que aparecen como independientes cuando en realidad no lo son. Esto se podría aplicar a la familia, a la universidad y, en términos generales, al conjunto del sistema escolar que, en apariencia está hecho para distribuir el saber y en realidad para mantener en el poder a una determinada clase social y excluir de los instrumentos de poder a cualquier otra clase social. Las instituciones de saber, de previsión y de asistencia, tales como la medicina, ayudan también a mantener el poder político.⁹

Tentar fazer uma ligação entre o pensamento de Foucault, com qualquer tipo de feminismo, não é uma tarefa simples; muitas das filosofas feministas fazem uma crítica em torno ao pensamento de Foucault devido a que na sua teoria esqueceu, a histórica dominação

⁸ Quando se define os efeitos do poder recorrendo ao conceito da repressão incorre-se numa concepção puramente jurídica do poder, identifica-se o poder com uma lei que diz não; privilegia-se sobre tudo a força da proibição. Parece-me que esta é uma concepção negativa, estreita, e fraca do poder que era curiosamente algo aceiteado por muitos. Se o poder fosse unicamente repressivo, se não fizesse outra coisa que falar não, acha realmente que se obedecer-lhe-ia? O que faz que o poder aferre-se, que seja aceito, é simplesmente que não tem somente força que fala não, mas que de fato circula, produz coisas, índice prazer, forma saber, produz discursos; é preciso considerara-lo mais como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social que como uma instancia negativa que tem como função reprimir. (tradução da autora)

⁹ Mas acho que o poder político exerce-se também por mediação de um determinado numero de instituições que aparentemente não têm nada em comum com ele, que aparecem como independentes quando na realidade não o são. Isto poder-se-ia aplicar à família, a universidade, e, em termos gerais, ao conjunto do sistema escolar que, em aparência esta feita para distribuir o saber e na realidade para manter em o poder a uma determinada classe social e excluir dos instrumentos do poder a qualquer outra classe social. As instituições do saber, de previsão e de assistência, tais como a medicina, ajudam também a manter o poder politico. (tradução da autora)

das mulheres pelos homens, uma dominação que ainda hoje em dia podemos observar na desigualdade nos salários, a violência em contra das mulheres, a objetivação dos corpos feminismo ou a pouca participação no âmbito político das mulheres, na maioria dos países.

Além de isto, é importante ressaltar que pode existir um compartilhamento de ideias nestas duas correntes filosóficas, devido ao grau de desenvolvimento que o Foucault deu pra o conceito de poder e relações de poder.

Conclusões.

As relações de poder tratadas pelo Foucault e pelo ecofeminismo têm diferenças conceptuais importantes, se bem é certo, pudemos constatar que também existem similitudes como a hierarquização do poder, que tanto no ecofeminismo como no pensamento do Foucault, o poder não reside somente no Estado, existem outras relações de poder entre os indivíduos, as quais determinam aos sujeitos.

Para o ecofeminismo o poder exercido pelo patriarcado, que permite as relações de dominação homem-mulher e homem-natureza, somente representa o elemento repressivo do poder, o que se diferencia do pensamento do Foucault, que afirma que esse elemento só pertence no âmbito jurídico, e não em todos os âmbitos onde o poder exerce-se.

O ecofeminismo por ser uma das ramas do feminismo, que ainda tem em construção sua própria teoria, permite que a conversa com as demais ciências, neste caso com o pensamento de Foucault, se veja enriquecida, com o objetivo de procurar propostas que permitam mudar a realidade que enfrentam as mulheres em todos os âmbitos da vida, assim como também a realidade de abuso que se faz do meio ambiente.

Referencias bibliográficas.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, 2.** A experiência vivida. São Paulo. Difusão Europeia Do livro, 1967. 309 p.

CASTRO, Edgardo. **El vocabulario de Michel Foucault. Un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores.** Buenos Aires, Prometeo/Universidad Nacional de Quilmes, 2004, p. 608.

FOUCAULT, Michel. **Estrategias de poder.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1999. 407 p.

HERRERO, Yayo López; PULEO, Alicia H. **Medio ambiente y desarrollo.** Miradas feministas desde ambos hemisferios. Feminismo y ecología. Granada: Editorial Universidad de Granada. 2013. 348 p.

HOLLAND, Bárbara Cunz. **Ecofeminismo**. Valencia: Ediciones Cátedra. S.A. 1996. 306 p.

MILLET, Kate. Política Sexual. Lisboa: Editoriais Publicações Dom Quixote, 1970. 256 p.

SCOTT, Joan, **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA JOAN SCOTT. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press 1989. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 24 julho de 2015.